



Lívia de Borja Reis
Edgar Miranda da Silva

O SERELEPE E A GAMBÁ

Um caderno de possibilidades de práticas docentes
de Educação Ambiental Crítica na Educação
Infantil.



Rio de Janeiro, 2025



O SERELEPE E A GAMBÁ

**Um caderno de possibilidades de práticas docentes
de Educação Ambiental Crítica na Educação
Infantil.**

Lívia de Borja Reis
Edgar Miranda da Silva

O SERELEPE E A GAMBÁ

**Um caderno de possibilidades de práticas docentes
de Educação Ambiental Crítica na Educação
Infantil.**

1ª Edição



Rio de Janeiro, 2025

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

R375 Reis, Livia de Borja

O serelepe e a gambá : um caderno de possibilidades de práticas docentes de educação ambiental crítica na educação infantil / Livia de Borja Reis, Edgar Miranda da Silva. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Imperial Editora, 2025.

55 p.

Bibliografia: p. 53-55.

ISBN: 978-65-5930-200-0.

1. Educação infantil - Estudo e ensino. 2. Educação ambiental crítica. 3. Horta escolar. 4. Prática docente. I. Silva, Edgar Miranda da. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 372.357

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692

RESUMO

O presente produto educacional (PE) visa contribuir com a educação ambiental crítica na educação infantil. Trata-se de um material didático direcionado aos docentes inseridos na etapa da educação infantil. Foi desenvolvido a partir da pesquisa de pós-graduação intitulada "Uma horta, um jardim de crianças e práticas docentes de educação ambiental crítica na educação infantil", apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Prática de Educação Básica (MPPEB), vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II. Na elaboração do produto, buscamos a construção de um recurso didático que apoie as práticas docentes na horta escolar de modo a trazer uma contribuição efetiva diante das questões socioambientais. Este PE se apresenta no formato de um caderno de possibilidades de educação ambiental crítica na educação infantil voltado para professores do segmento. O PE está dividido em três partes: a primeira trata de esclarecer que educação ambiental de perspectiva crítica assumimos no trabalho, a qual intitulamos de "Diálogo para pensar um mundo bom de viver para todos"; na segunda, apresentamos as práticas docentes desenvolvidas na horta escolar durante a pesquisa, com sugestões e possibilidades a serem adaptadas de acordo com diferentes contextos; por fim, na última parte, temos a história autoral, de ficção, ilustrada e lúdica, inserida como estratégia didática potente na educação infantil, de modo a contribuir para a reflexão sobre os problemas socioambientais. Desse modo, esperamos que o PE contribua com as práticas docentes na horta escolar, bem como, em outros espaços pedagógicos possíveis no que se refere à educação ambiental crítica na educação infantil.

Palavras chaves: educação ambiental crítica; educação infantil; práticas docentes; horta escolar.

ORGANIZADORES

Lívia de Borja Reis

Mãe da Ana Beatriz. Professora de Educação Infantil da prefeitura do Rio de Janeiro. Graduada em Psicologia e Pedagogia. Mestranda do MPPEB CPII.



Edgar Miranda da Silva

Doutor e mestre em Educação em Ciências e Saúde pelo Instituto NUTES de Educação em Ciências e Saúde (UFRJ). Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade Castelo Branco-UCB. Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA. É professor EBTT da rede federal de ensino, atuando como coordenador do Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica-MPPEB/CPII e docente no Ensino Fundamental do Colégio Pedro II.



AUTORES



Livia
Professora de
Educação Infantil
RESILIENTE



Edgar
Professor
MPPEB CP2
DEDICADO

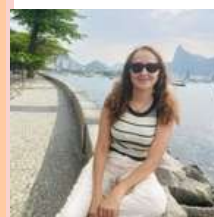


**Eliane
Fernandes**
Professora
Adjunta de
Educação Infantil
AMOROSA



**Ana Paula Peres
Pinto**

Professora de
Educação Infantil
CORAJOSA



Shirley Miranda
Professora de
Educação Infantil
OBSERVADORA



Miriã Sabino
Agente de Educação
Infantil
AMIGA



**Tânia Cristina
André**
Agente de Educação
Infantil
COMPANHEIRA



Prezado Professor,

Este trabalho nasce de um desejo enorme de que tenhamos um mundo bom de se viver para todos os seres vivos. A resposta para esse anseio está no próprio mundo. A lua tem fases de acordo com a posição em que se encontra em relação ao Sol e a Terra. O Sol aparece no horizonte e se põe no sentido oposto todos os dias e nesse meio tempo, seu calor permite uma série de acontecimentos. Da mesma forma, o processo que forma as chuvas e a importância dos pingos que caem do céu na terra é poesia que se materializa com o aroma terroso do petricor. A lagarta, embora muitas vezes injustiçada por sua aparência e modos de auto defesa, vive uma bela transformação, tornando-se borboleta. A samaúma demora décadas para atingir sua altura máxima e vive séculos. Tudo ensina... fases, transformações, tempos e etc.

E tudo segue conectado e com propósito de ser. A forma como uma criança pequena deseja intensamente se molhar na água da chuva, da praia ou da cachoeira, como brinca com a terra e o barro, sobe em árvore e se lança na vida que pulsa em ambientes naturais, só pode ter uma explicação: ela pertence a esse lugar e deseja se relacionar com ele. Assim, em ambiente propício, interage com a Natureza e os diversos seres vivos, consigo própria e com outros seres humanos. É o mundo ideal: a coexistência entre todos que habitam o nosso planeta Terra. A criança na primeira infância não deseja dominar ou subjugar, ela só quer estar em meio a Natureza que pertence.

O diálogo que acontecer aqui, poderia acontecer a partir das artes, da música, de práticas milenares de cuidados do corpo e da mente. Ou poderiam ser páginas de um manual de como plantar árvores, tornar-se vegano ou simplesmente dizer 'não' às imposições e aos padrões midiáticos produzidos. Resoluções importantes que levam à mudança: repensar as escolhas que fazemos e o futuro que queremos. Contudo, de professores para professores, nossa conversa será sobre a Educação Ambiental, um caminho profissional - e pessoal, pois envolve toda a vida, desenvolvido com caráter coletivo, já que tem a contribuição de todos os participantes da pesquisa. Um presente de todos os envolvidos para a reflexão sobre outros modos de vida na Terra. De modo que iniciamos pelo começo. Como professores, pensamos num diálogo sobre a Educação. E como docentes inseridos na Educação Infantil, pensamos especialmente no contexto que envolve as crianças pequenas da primeira infância.

Nosso caderno foi produzido a fim de ser um recurso com possibilidades que conduzam a pensar sobre as questões socioambientais na Educação Infantil, com sugestões que podem levar a outras possibilidades diante das múltiplas realidades concretas. E, justamente por ser um material aberto, com possibilidades variadas e vozes diversas, é um caderno. Pois, cadernos vão se constituindo aos poucos, a borracha, o lápis, o rascunho, os novos começos caminham juntos. Diferentes de livros que já chegam finalizados no leitor. Nossa proposta é que esse material continue sendo escrito por onde passar, que o leitor sintá-se, também, escritor e autor. Esperamos que as páginas a seguir contribuam com pensamentos profundos e reflexões que vão muito além do que nos foi dado pronto, inquestionável e como proposta salvadora numa educação hegemônica e dominante.

Para a compreensão concreta já que se trata da Educação Infantil, a horta escolar foi nosso recorte, o espaço pedagógico, onde coisas incríveis acontecem e bons encontros realizam-se. Um espaço onde, por menor que seja, em tamanho físico, é rico e enorme em potencialidades e vida.

Começamos com um breve diálogo sobre a Educação Ambiental e como assumimos sua importância na construção de um mundo bom para se viver para todos. O segundo capítulo apresenta as práticas docentes pensadas e desenvolvidas pelas professoras coautoras desse Produto Educacional, para e na horta da unidade onde lecionamos e que proporcionou vivências recheadas de participação direta das crianças, afeto, memórias, resgates e vida. Na composição do caderno tem, no terceiro capítulo, uma história de ficção onde animais que transitam numa horta escolar são personificados e narram suas histórias a partir da intervenção humana em seus habitats. A história surge a partir dos diálogos das participantes que evidenciam a importância da fantasia e do faz-de-conta que as histórias proporcionam para a compreensão das crianças de assuntos sobre a realidade vivida.

É um caderno destinados aos professores de Educação Infantil e anela contribuir na formação e reflexão para uma Educação Infantil sempre Ambiental.

Esperamos que seja proveitoso!

SUMÁRIO

Parte 1

Diálogo para pensar um mundo bom de viver para todos.....p.11

Parte 2

As práticas docente na horta escolar.....p.20

Parte 3

O Serelepe e a Gambá – a História.....p.39

Considerações finais.....p.52

Referências.....p.53

1

Diálogo para pensar um mundo bom de viver para todos

Lívia de Borja Reis
Edgar Miranda da Silva

1. Diálogo para pensar um mundo bom de viver para todos

A Educação Ambiental pode ser vivenciada a partir da expressão de amor à Natureza, cuidado, zelo e admiração. Todavia, não podemos omitir que os seres humanos, além de naturais, somos culturais e isso também faz parte da Natureza. Não são apenas as paisagem, elementos, flora e fauna que fazem parte do que compreendemos como meio ambiente. Nossas produções, nossas organizações e modos de vida compõem esse cenário. Logo, se faz necessária a compreensão de toda essa conexão. Por isso, esse trabalho está baseado na Educação Ambiental Crítica que busca politizar o debate socioambiental, a crise que vivemos que é sócio-político-econômica-histórica. Não são meteoros, nem erupções vulcânicas, nem movimentos tectônicos que vêm causando as destruições em curso, mas o modo hegemônico de viver de uma parcela dos seres humanos.

A escrita foi inventada e começamos a fazer história, criar enredos. Em algum momento, algumas narrativas foram se sobrepondo a outras e consideradas mais importantes e interessantes. A história passou à linearidade, cronologia, ter idades: antiga, média, moderna, contemporânea e alguma nova criação caso tenhamos um futuro. Conhecimentos foram formados, lutas foram travadas e deuses foram erguidos até que o próprio ser humano se tornou criatura e criador, senhor de si e dos demais e passou a manipular o curso dos acontecimentos para ser dominador de tudo e de todos. Desejou retirar-se da Natureza e se tornar superior a ela que agora é apenas recurso, provedora de desejos. A Natureza é estudada, fragmentada e sujeitada ao lugar de objeto de valor. A sensibilidade humana precisou ser esquecida, sendo o conceito matemático e o princípio da exatidão o que importa e confere valor. Chegamos a uma racionalidade científica. Perdemos-nos de nossa origem sensível e natural.

Uma parte da humanidade fez isso enquanto a outra se viu obrigada a se submeter ainda que desejando profundamente continuar em conexão com sua ancestralidade e existência sensível com a Natureza. Foram considerados selvagens, subjugados, exterminados e colonizados.

Alguns humanos fraturaram tanto da Natureza que a busca por uma Educação Ambiental com um viés crítico de tais rupturas, se faz necessário. A Educação Ambiental Crítica não dá conta de respostas prontas, mas de questionar e

fazer pulsar. Prescrições não só não resolveriam o problema, como seria mais do mesmo padrão que aliena e aprisiona.

Chegamos ao capitalismo que nos levou a um modo de vida global, digital, de mudanças infindas. Tradição, origem e ancestralidade não importam, pois o dinheiro não pode comprar. O que importa é o agora que muitas vezes nem mesmo é real, e sim virtual. As conversas foram trocadas por *streamings* e plataformas digitais. A vida está cada vez mais sintética e artificial, terceirizamos tudo, até mesmo nossa alimentação, cada vez mais industrializada, alijada de afeto e sentido. Se no início da idade média havíamos nos perdido da Natureza que somos, hoje estamos distantes de nós mesmos. E é nessa realidade de passados apagados e feita de “agoras” comprados que as crianças estão chegando e se educando.

De modo que dialogar sobre que educação está a serviço das crianças (e se, de fato, está a serviço deles) e oferecer meios de criticar os padrões que vivemos, é fundamental. Precisamos de uma racionalidade ambiental.

Um mundo bom para se viver para todos é uma utopia em que nos agarramos, sem a vergonha de acreditar na possibilidade de um dia ser. Mas, de que forma podemos alcançar a mudança se insistimos em continuar pelo mesmo caminho que nos trouxe a tantas destruições e perdas? Dialogar sobre um mundo bom passa pelo esforço de refletir sobre as agruras e amarguras do atual que não o é para todos e que segue uma racionalidade de lógicas duvidosas e insanas. Qual o sentido de fazer guerra para se chegar à paz ou produzir o que não vamos consumir, levando ao esgotamento hoje do que será necessário no amanhã?

Em pensar que existiram os que foram tidos como selvagens pelos civilizados, viveram vidas boas por longos milênios, respeitando a Natureza e os outros seres humanos. Ao retomar as nações de um tempo longínquo, não se trata de reivindicar um modo de vida em que não existe o uso da inteligência humana para a melhoria da vida. Trata-se de melhorias significativas para a vida que apenas acontece no coletivo, conectada e inter-relacionada. Ou seja, uma vida boa onde caibam todos.

Portanto, ao assumir a Educação Ambiental Crítica como base desse diálogo concordamos com Loureiro (2003) que diz que a educação acontece na atividade humana coletiva e são específicas do espaço e tempo vivido. Logo, em tempos de muita informação, adquiridas pela internet e redes sociais sem checagem e integridade, mais do que nunca, a educação é o veículo que muda pessoas que transformam o mundo (Freire). A emergência ambiental planetária que vem ganhando destaque ao longo dos séculos XX e XXI é fato.

Logo, a Educação Ambiental é uma necessidade, uma vez que o tema impacta a vida de todos no planeta e necessita de mudanças complexas de pensamento e atitude.

É curioso pensar que a jornada humana desde do Renascimento tem sido um caminho de morte. Pois, mesmo tendo a capacidade criativa e inventiva para a vida, o ser humano numa perspectiva eurocentrada tem sido um potencial causador de óbitos. Os seres humanos quiseram tanto dominar, explorar, desenvolver, progredir que perdemos o senso de valor do que realmente importa. E o crescimento de ações destrutivas de parte da humanidade continuam mesmo diante da constatação de que a Natureza é finita. De modo que movimentos alternativos como a Contracultura e de especialistas da área ambiental começaram a ser evidenciados a respeito das escolhas ocidentais. Contudo, esses foram movimentos a partir dos mesmos referencias que provocaram a fratura entre seres humanos e meio ambiente (Ferdinand, 2022) e que oferecem soluções partindo da mesma matriz geradora. Houve encontros para mitigar soluções no mesmo modo de produção vigente, sem questionamentos sobre esse estilo de vida. Dessa forma, não apenas o meio ambiente continua a ser explorado como, também, proporciona uma desigualdade extrema entre as pessoas, já que uns poucos detêm os meios de exploração enquanto milhares de outros vendem sua força de trabalho em meio a condições precárias e exaustivas na maioria das vezes.

Dentre tantos eventos durante o século XX, houve a Eco-92 onde uma sessão específica foi dedicada à ética denominada Cuidar da Terra. O encontro trouxe uma mudança qualitativa importante relacionada a valoração, afirmando que “todos os seres têm valor existencial intrínseco que transcende valores utilitários” (Gudynas, 2019, p. 36), afastando, por assim dizer, a questão ambiental da perspectiva antropocêntrica utilitarista. Vinte anos depois, já nesse século vigente, o Rio de Janeiro abre novamente suas portas para receber a Rio+20, tendo como objetivo, renovar o compromisso político com o desenvolvimento sustentável, foi gerado um novo documento sobre a importância da educação. Contudo a destruição do planeta segue, e por quê?

A educação deve refletir sobre os modos de vida existentes, sobre como nos relacionamos com a Natureza e de que modo nos dissociamos da ideia de pertencimento, motivo que continua nos levando para a destruição: nosso modo de vida. Por isso nos respaldamos na Educação Ambiental Crítica que é a tendência que “apoia-se com ênfase na revisão crítica dos fundamentos que proporcionam a dominação do ser humano e dos mecanismos de acumulação do Capital, buscando o enfrentamento político das desigualdades e da injustiça socioambiental” (Layrargues; Lima, 2014, p. 33).

A Educação Ambiental Crítica busca compreender o modo de vida que vivemos e como isso se reflete e impacta o meio ambiente. Pretende “compreender e teorizar na atividade humana, ampliar a consciência e revolucionar a totalidade que constituímos e pela qual somos constituídos” bem como, “transformar pela atividade consciente, pela relação teoria-prática, modificando a materialidade e revolucionando a subjetividade das pessoas” (Loureiro, 2003, p. 44). Portanto, trata-se de uma Educação Ambiental que procura “contextualizar e politizar o debate ambiental, problematizar as contradições dos modelos de desenvolvimento e de sociedade” (Layrargues; Lima, 2014, p. 33). É uma reflexão crítica pois entende-se que é “uma prática duplamente política por integrar o processo educativo, que é inerentemente político e a questão ambiental que também tem o conflito em sua origem” (Lima, 2004, p. 91).

Para uma educação que considera o ser humano como parte da comunidade da vida, “é imperativo examinar a questão socioambiental de um outro prisma, a partir de outro ponto de vista, de outros lugares e de outros referentes” considerando que “o controle capital sobre a educação básica busca pasteurizar, por meio de seu moinho triturador, toda as práticas educativas críticas nas escolas” (Lamosa; Loureiro, 2015, p. 22). Por isso se faz necessária a Educação Ambiental Crítica como “um processo educativo, em que nesse exercício, estejamos, educandos e educadores, nos formando e contribuindo, pelo exercício de uma cidadania ativa, na transformação da grave crise socioambiental que vivenciamos todos” (Guimarães, 2004, p. 30).

Mas não podemos nos omitir da realidade de que nem todos os seres humanos consideram a Natureza um recurso ou uma utilidade, muitos “interagem com a natureza e o resultado dessa interação se concretizam em condição de vida” (Freyesleben, 2024, p. 07). Isso gera outras perspectivas de Educação Ambiental igualmente críticas e baseadas em outras cosmovisões. Krenak (2020a) defende a constituição de uma visão holística, de pertencimento e sujeição do ser humano à Natureza, desafiando as percepções hegemônicas a partir do estabelecimento de relações comparativo-animistas tal como a montanha se comunica com as pessoas e o rio é um parente. Desse modo, reivindica o papel e racionalidade dos povos “Não-Branco” (Freyesleben, 2024) na preservação da Natureza. Os indígenas e outros povos tradicionais foram silenciados e ainda foram equiparados aos que causaram e ainda causam destruição através da “reprodução do discurso sobre o Antropoceno exclusivamente pautado pelo léxico científico da geologia e da climatologia” (Freyesleben, 2024, p. 04).

A busca por uma racionalidade ambiental coloca em evidência o Antropocentrismo

como base paradigmática da ciência e dos valores hegemônicos e dominantes, difundidos pela massificação de apenas uma faceta da história humana, apresentada como linear e inquestionável. Considera-se que o Antropoceno não fala dos humanos em sua completude e sim de um “clube exclusivo da humanidade - que está na declaração universal dos direitos humanos e nos protocolos das instituições - que foram devastando tudo ao seu redor” (Krenak, 2020a, p. 10). No caso, a Educação Ambiental incidi na constituição de novos valores e nova cognição que reconheça outros modos de estar no mundo, como o de povos tradicionais e ancestrais. São suas visões de vida e sabedoria que podem contribuir para que a violência colonial (Martins; Rufino; Sánchez, 2023) que perdura até a atualidade seja, um dia, um capítulo finalizado e a Terra tenha uma chance de viver.

Nessa perspectiva, é proposta uma Educação Ambiental que se ergue com os modos de ser que podem sustentar a vida na Terra (Sánchez; Salgado; Oliveira, 2020, p. 133). E por sustentabilidade entende-se não essa que reajusta os processos econômicos, os comportamentos e práticas sociais (Leff, 2021) para que a Natureza continue servindo às necessidades materiais capitais sem que se esgote tão rapidamente quanto se prevê, desejando salvar assim a humanidade do problema no qual ela mesma (ou melhor, uma parte dela) colocou a todos, sobretudo os mais vulneráveis. “O “desenvolvimento sustentável” é o sintomático disfarce da estratégia de poder do capital em fase ecológica” (Leff, 2021, p. 24). Quando na realidade, “imagino a sustentabilidade em um mundo feito de muitos mundos, com a diversidade de vida, em que o futuro emerge da heterogênesse coevolutiva da diversidade biológica e cultural” (Leff, 2021, p. 33). Então, ao invés de promover valores do desenvolvimento e do progresso, buscarmos outra lógica que valorize a sustentabilidade da vida como a do Bem viver que se baseia num conjunto harmonioso de relações (Solón, 2019). “O Bem Viver, uma ideia em construção, livre de preconceitos, abre as portas para a formulação de visões alternativas de vida” (Acosta, 2016, p. 33).

Tiriba (2024) parte da relação dos povos indígenas com consigo, com o outro e com a Natureza, reiterando a necessidade da Educação Ambiental Crítica com reconexão com a Natureza, dizendo não ao consumismo e ao desperdício, repensando a forma de conhecer incluindo conhecimentos e sabedorias diversas, além de considerar os desejos dos corpos. “Para as cosmovisões dos povos brasileiros originários, as formas de vida são igualmente importantes, a biodiversidade ocupa o centro e dá sentido ao mundo. A existência é biocêntrica, é coexistência, envolve um universo onde tudo é vivo, tudo é sagrado” (Tiriba; Vollger; Pereira, p. 109, 2021).

Para Martins, Rufino e Sánchez (2023; p. 2), “a educação ambiental enquanto possibilidade de enfrentamento ao trauma legado implica em ser também uma pedagogia descolonial”. Portanto, se faz necessário observar outros modos de relação, como os dos povos originários e como conceitos como Bem Viver, harmônicos com a Natureza, indo de encontro da ideia voraz de desenvolvimento e progresso que nos levam à eterna necessidade de ir a algum lugar que conduz a outro e assim sucessivamente, sem nunca bastar.

De modo que a Educação Ambiental precisa ter base comunitária “com os pés fincados na América Latina, territorializada, requer posicioná-la em luta por justiça ambiental” (Sánchez; Salgado; Oliveira, 2020, p. 139), trazendo consigo ideias que valorizam outros modos de viver, pois se pautam em uma prática pedagógica “emergente das lutas populares, movimentos sociais, populações tradicionais, povos indígenas e grupos em situação de vulnerabilidade socioambiental causados por conflitos ambientais no cenário latino-americano” (Sánchez; Salgado; Oliveira, 2020, p. 132). Dessa perspectiva, se faz necessário o diálogo e a escuta sensível para com aqueles que ainda são oprimidos pela lógica colonial e pelo sistema moderno capitalista.

Com o intuito de proporcionar um diálogo sensível e inclusivo a literatura especializada indica dimensões e categorias da Educação Ambiental Crítica possíveis de serem trabalhadas já na Educação Infantil, focando temáticas, práticas e estratégias didáticas que problematizam as questões socioambientais as quais foram analisadas e contribuíram na constituição deste caderno. São três as dimensões das categorias:

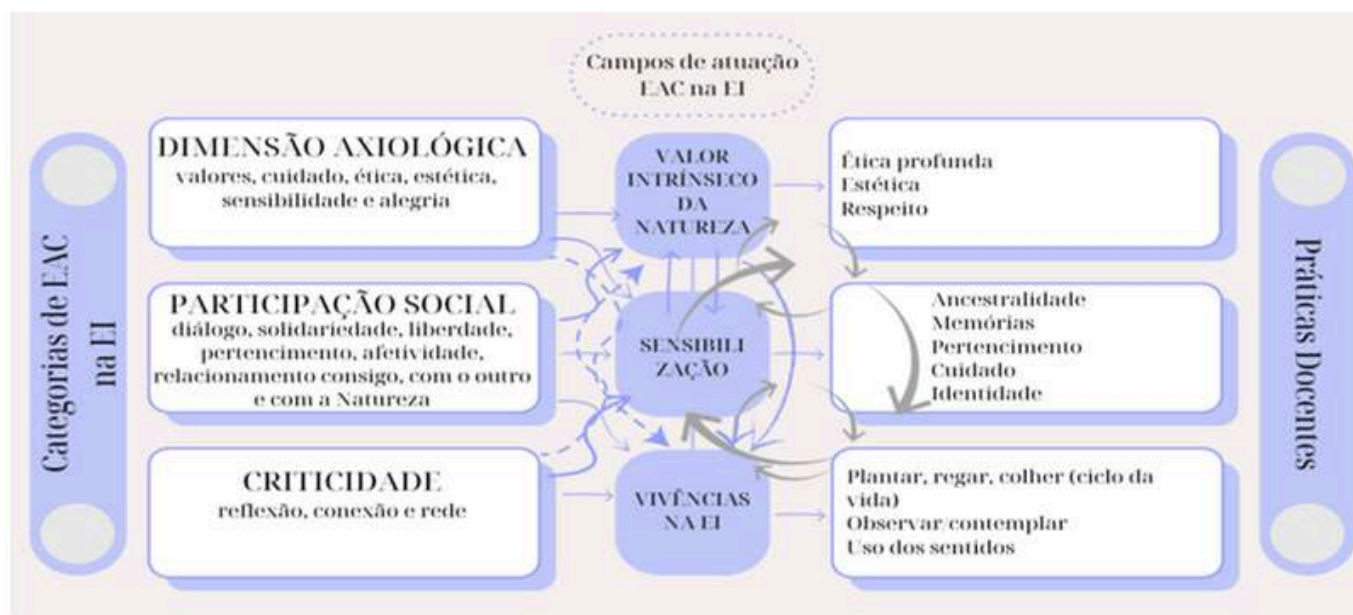
- **Dimensão axiológica** - refere-se a práticas que se remetem a valores, cuidado, ética, estética, sensibilidade e alegria;
- **Participação social** - reúne práticas baseadas no diálogo, na solidariedade, na liberdade, no pertencimento, na afetividade e no relacionamento consigo, com o outro e com a natureza;
- **Criticidade** - remete-se a práticas baseadas no trabalho de reflexão, em conexão e em rede.

A estas dimensões podemos associar de atuação fecundos no que diz respeito à Educação Ambiental Crítica na Educação Infantil: Valores intrínsecos da Natureza, Sensibilização e Vivências na Educação Infantil.

Essa conjunção pode ser associada a ideia da horta escolar como espaço para a realização de programas educativos que proporcionam vivências que vão além do tema habitual de “saúde e nutrição”, viabilizando assuntos como “problemas rurais” e “práticas agrícolas”, posicionando-a como uma estrutura educadora de análise crítica das “relações de poder no campo entre os modelos produtivos, a economia atividade agrícola atual, as condições de vida e trabalho rural e a qualidade ambiental na agricultura” (Layrargues, 2021, p. 14). Nesse pensamento, conseguimos relacionar algumas práticas que podem dar localizar às vivências da EI na Educação Ambiental Crítica, tais como: Ética profunda, Estética, Respeito, Ancestralidade, Memórias, Pertencimento, Cuidado, Identidade, Aprendizagens, Plantar, regar e colher (ciclo da vida), Observar/Contemplar e Uso dos sentidos.

Nessa proposição, estariam associadas da seguinte forma:

Figura 1 - Relação de categorias, campos de atuação e prática de EAC



Fonte: elaboração da autora

Todos os conceitos estão conectados numa relação em rede. Existe uma circularidade que possibilita associações múltiplas. Como, por exemplo, a dimensão axiológica que pode ser contemplada com a sensibilização dos sujeitos, a qual, por sua vez, pode ser atingida a partir de ações como plantar, colher e regar ou mesmo por ações reflexivas sobre uma ética profunda para a Natureza.

Esses elementos nos ajudam a pensar a realidade e a produção de contextos de específicos de aprendizagem na Educação Infantil, com posicionamento crítico de adequação e ajustamento ao vivido e possível dentro da escola. Todas essas vivências proporcionaram esse produto educacional.

Que nossas escolhas sejam por uma educação sempre ambiental que valorize a vida que pode ser encontrada em tradições e modos de vidas ancestrais, originários e locais e vivências em espaços naturais. A fim de que muitos outros diálogos possam fortalecer nossa luta por um mundo bom de se viver para todos.



2

As práticas docentes na horta escolar

Ana Paula Peres Pinto

Eliane Fernandes

Miriã Sabino

Shirley Miranda

Tânia Cristina André

Plantar, cuidar & colher I

SEMENTES

PRÁTICA DOCENTE:

Vivência planejada: Plantar, regar e cuidar das sementes proporcionando a manipulação do solo. Acompanhamento do crescimento das plantas.

Objetivos: Desenvolver curiosidade e interesse pela Natureza; Introduzir conceitos básicos sobre sementes, germinação e cultivo; Fomentar habilidades de observação, manipulação e cuidado.

POSSIBILIDADES

Pensar as diversas formas possíveis de aquisição de sementes que não seja apenas através de compra e relação monetária.

A aquisição pode ser cheia de afeto, vinda de um a horta de um familiar ou de alguém da comunidade.

O plantio requer afinidade e interesse em manipular a terra e dispensar tempo para os cuidados diários. Em alguns casos, esse cuidado acaba recaindo sobre uma ou duas pessoas apenas da escola.

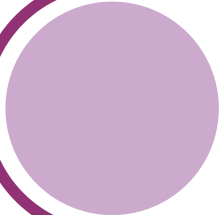
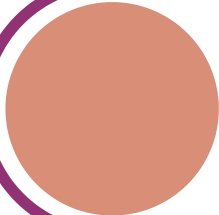

Além do mais, nem sempre as escolas dispõem de verbas direcionadas para comprar os itens necessários para uma horta ou canteiro de plantas.

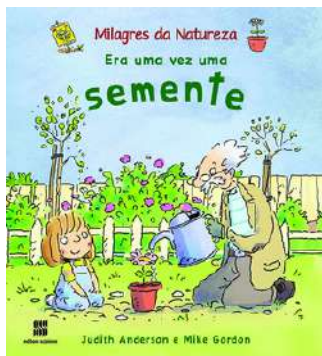
LIMITAÇÕES

SUGESTÕES



Compartilhe aqui uma prática feita ou que deseja realizar.

-  Que tal associar a prática a uma história ou desenho animado educativo sobre sementes e germinação?
-  **DETETIVES VERDES** - investigação das plantas, insetos, elementos naturais etc. que tem no quintal da escola.
- 



Plantar, cuidar & colher II

PRÁTICA DOCENTE:

Vivência planejada: Interação das crianças com a horta e observação das plantas, também, o despertar da consciência sobre o ciclo da Natureza e alimentação saudável.

Objetivos: Observar o crescimento e desenvolvimento das plantas; Reconhecer diferentes tipos de hortaliças; Estimular a curiosidade sobre a relação entre plantas e alimentação; Incentivar o cuidado com a Natureza; Colher as hortaliças de maneira lúdica e educativa.

POSSIBILIDADES

A prática desperta o interesse por conhecer a origem dos alimentos que ingerimos e seus benefícios nutricionais.

Também proporciona uma atitude crítica diante das investidas de propaganda e marketing de alimentos industrializados processados e ultra processados.

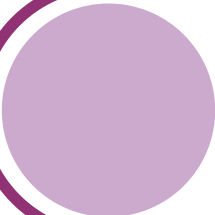
A atividade pode proporcionar o diálogo das crianças com adultos da escola que fazem parte da educação, cotidianamente, mas tem pouca oportunidade de conversar e trocar com as crianças, como as merendeiras.

A aceitação de hortaliças no prato das crianças é, muitas vezes, um desafio, pois muitos se recusam a ingerir ou até mesmo experimentar os “verdinhos”. A comida industrializada tem ocupado grande parte da alimentação infantil. É fundamental a parceria família-escola para que a aceitação das verduras seja abrangente.

LIMITAÇÕES

SUGESTÕES



 Que tal promover uma ação sobre alimentação saudável e natural envolvendo a comunidade escolar? Pode ser uma degustação, uma conversa ou um workshop.

 **GINCANA COOPERATIVA**
Alimentação Saudável



Compartilhe aqui uma prática feita ou que deseja realizar.



Plantar, cuidar & colher III

MUDAS

PRÁTICA DOCENTE:

Vivência planejada: Plantação de mudas de uma determinada verdura capaz de atender a degustação das crianças de toda a unidade escolar. Cuidar, colher e degustar.

Objetivos: Proporcionar a vivência de todo o processo do desenvolvimento do alimento, desde o plantio até a colheita e degustação do vegetal na refeição.

POSSIBILIDADES

Apresentar, juntamente com o processo que envolve plantar, cuidar, colher e preparar os alimentos da terra, as pessoas envolvidas no trabalho. Se não plantamos na escola, qual a origem e como chegam até nós. Neste percurso tem muitas questões socioambientais a serem abordadas.

Acrescentar o cuidado orgânico que é feito com as plantas na escola e iniciar um diálogo sobre agrotóxicos e outros produtos químicos, além das consequências do seu uso para os seres humanos e meio ambiente.

Trata-se de uma ação mais longa que requer uma atenção mais centrada já que o objetivo final é oferecer o vegetal na merenda. Requer uma maior quantidade do plantio e disponibilidade de espaço.

Podem aparecer pequenos seres vivos que se alimentam das folhas, como lagartas, cochonilhas e pulgões. O desafio é conservar as verduras, usando meios naturais como receitas caseiras e aproveitar a oportunidade para dialogar sobre a possibilidade de coexistência de todos os seres vivos.

LIMITAÇÕES

SUGESTÕES



Você sabia que o inseto joaninha come outros insetos, como a cochonilha? Ou seja, é uma aliada da horta. Produtos químicos matam todos, sem distinção.

Que tal fazer uma pesquisa bem lúdica com as crianças sobre a vida dos insetos e a importância deles na Natureza?

Compartilhe aqui uma prática feita ou que deseja realizar.

Promover passeios na praça pública do território e em parques naturais da cidade.



Adubação orgânica

POSSIBILIDADES

Resgatar tradições familiares e culturais de cuidado com a terra e com o meio ambiente. Estimulando que as crianças busquem a ancestralidade, histórias de cuidados com as plantas feitos por seus avós e antepassados.

PRÁTICA DOCENTE:

Vivência planejada: Adubação da horta através das cascas de ovos.

Objetivos: Apresentar o valor nutritivo da casca dos ovos para a terra e as plantas. Manusear as cascas, sentir a textura e quebrar em pequenas partes.

Espalhar os pequenos pedaços das cascas na horta.

Resgatar tradições e identidade requer a participação ativa das famílias e comunidade.

As histórias orais vem se perdendo pois os momentos de conversa e trocas familiares tem sido cada vez mais escassas devido as longas jornadas de trabalho de homens e mulheres e as telas que substituíram as refeições à mesa dentre outros momentos.

LIMITAÇÕES

SUGESTÕES



Que tal apresentar modos de relacionamento e cuidados dos povos tradicionais e originários com a terra? Que herança nos deixaram? Que práticas temos que vieram deles?

Compartilhe aqui uma prática feita ou que deseja realizar.

Apresente filmes e séries sobre modos de relacionamento alternativos com a Natureza

ATENÇÃO

Aprecie com moderação. Telas devem ser oferecidas esporadicamente, associadas a práticas investigativas, uso de sentidos e movimentos corporais. Precisa ser observado como auxílio excepcional.

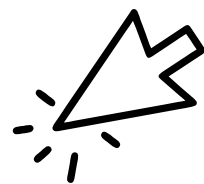


ZARafa

Pachamama

VELlozia

Caminho dos Gigantes



Resgate de mudas

POSSIBILIDADES

Além dos conceitos de repensar, reduzir, recusar, reutilizar e reciclar, pode-se apresentar o ciclo dos produtos - da produção ao descarte, os altos consumos dos recursos naturais por empresas, além dos benefícios de uma vida mais natural e alternativas de modos de viver .

PRÁTICA DOCENTE:

Vivência planejada: Cuidar e acompanhar o crescimento das mudas de cebolinhas resgatadas do destino do lixo.

Objetivos: Introduzir conceitos de reutilização e reciclagem. Fomentar responsabilidade e cuidado com o meio ambiente. Estimular observação, manipulação e criatividade.

Problematizar o modo de vida em que estamos inserido pode encontrar resistências diversas até mesmo pela crença de que não é possível ter um modo de vida diferente do apresentado pelo capitalismo.

LIMITAÇÕES

SUGESTÕES



Que tal promover uma feira de trocas de roupas e brinquedos ?

Compartilhe aqui uma prática feita ou que deseja realizar.

APRESENTAÇÃO TEATRAL



Música, Brincança & Horta

POSSIBILIDADES

Pesquisar sobre a origem da música, arte e cultura popular, as contribuições dos artistas e compositores das comunidades e favelas. Dialogar sobre preconceitos e hegemonia.

Pesquisar sobre a inspiração artística a partir dos bons encontros com e na Natureza. Permitir a livre expressão das crianças na horta, podendo brincar e se relacionar com o espaço.

PRÁTICA DOCENTE:

Vivência planejada: Oportunizar as crianças vivências com samba de roda ou outros estilos musicais que mencionem vegetais e a Natureza, no território da horta.

Objetivos: Experienciar vivências com frutas e vegetais. Criar memórias afetivas sensoriais com a cultura e os estilos musicais populares, a arte, a Natureza e território.

A atividade proporciona liberdade de ser das crianças, o que ainda é uma prática resistente. Confiar que as crianças tem muito a oferecer a partir de seus movimentos e escolhas é um desafio para o mundo adultocêntrico.

LIMITAÇÕES

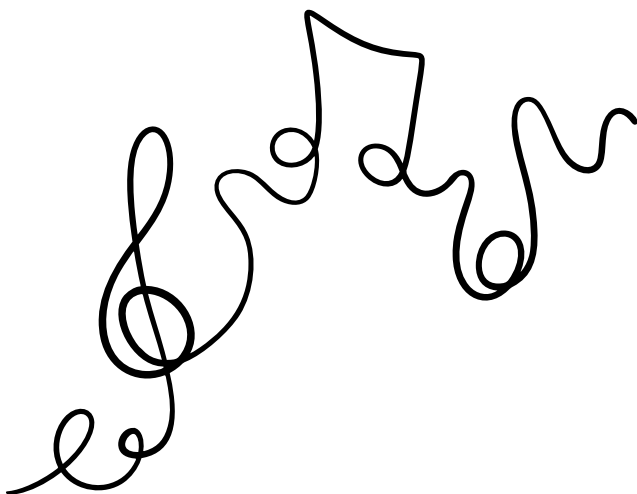
SUGESTÕES



Compartilhe aqui uma prática feita ou que deseja realizar.

Que tal levar as crianças para o espaço externo, canteiro ou horta e fazer uma roda para cantar músicas populares, promovendo muita dança e brincadeiras?

Trazer responsáveis e familiares que toquem instrumentos musicais. Promover rodas de músicas e histórias que envolva tradições familiares.



Contação de História na Horta

POSSIBILIDADES

Apresentar sementes e plantas do bioma do território onde a escola está inserida. Se estamos na Mata Atlântica, por exemplo, apresenta sua flora, as frutas da região e questionar porque, muitas vezes conhecemos frutas de outros países mas não conhecemos e nem temos acesso às da nossa região.

PRÁTICA DOCENTE:

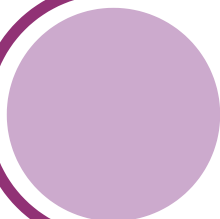
Vivência planejada: Contação da História “Era uma vez uma semente”, coleção: Milagres da Natureza, de Judith Anderson e Mike Gordon.

Objetivos: Desenvolver a percepção ambiental e a sensorialidade. Contemplar os quatro elementos da Natureza: água, ar, fogo e terra.

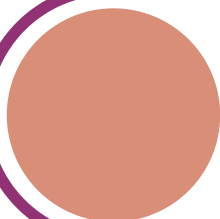
Aceitar e valorizar as atividades em espaços abertos e naturais e considerar os interesses despertados pelas crianças.

LIMITAÇÕES

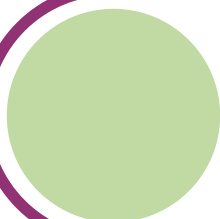
SUGESTÕES



Cambuci, Guabiroba, Cambucá, Cambuí, Uvaia, Ameixa-do-mato, Cabeludinha, Cereja do mato, Araça e Grumixama são frutas nativas da Mata Atlântica. Você sabia? Que tal plantar uma dessas com as crianças?!



Convidar vovôs e antigos com conhecimento e prática para fazer compotas e doces com frutas nativas, com as crianças e contar histórias sobre pegar frutas do pé e outras brincadeiras nos espaços abertos das épocas passadas.



Compartilhe aqui uma prática feita ou que deseja realizar.

Jenipapo

Jabuticaba

Mangaba

Pitanga

Cajá

Caju



A Composteira

POSSIBILIDADES

Despertar a criticidade sobre o descarte indevido de matéria orgânica que poderia retornar como nutriente para terra. Caso houvesse composteiras públicas e incentivo a construção de composteiras residenciais, a quantidade de lixo diminuiria.

Questionar o conceito de lixo. Na Natureza não existe lixo, o que não serve para um ser vivo, outro aproveita. Por que os seres humanos produzem tanto lixo?

PRÁTICA DOCENTE:

Vivência planejada: Promover a manipulação de matéria orgânica e observação do processo de compostagem através de construção e manutenção de uma composteira.

Objetivos: Estimular curiosidade e criatividade pelo processo de compostagem. Fomentar responsabilidade ambiental e respeito aos processos da Natureza.

A composteira requer separação dos resíduos da merenda e atenção diária.

Necessita da disponibilidade de pessoas para colocação dos restos alimentares adequados e folhagem seca cotidianamente.

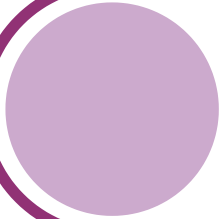
Necessitando de uma equipe disponível para esse trabalho manual diário.

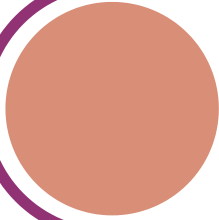
LIMITAÇÕES

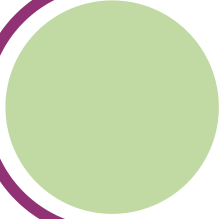
SUGESTÕES



Compartilhe aqui uma prática feita ou que deseja realizar.

- 

Que tal promover uma ação com as famílias para a construção de composteiras para as residências e dialogar sobre sua importância?
- 

Existe diferença entre lixo, resíduo e material reciclável.
Vamos pesquisar?
Vamos apresentar a história das coisas para as crianças?
- 



Observação de pássaros no quintal

POSSIBILIDADES

Problematizar os modos de vida urbanos, se tem espaço para outros seres vivos não humanos e quais as consequências das escolhas que excluem a Natureza. Propor reflexão sobre a coexistência entre os diferentes seres vivos.

PRÁTICA DOCENTE:

Vivência planejada: Levar as crianças para os espaços externos da escola para momentos de contemplação e observação dos pássaros.

Objetivos: Perceber as diferenças entre os pássaros diversos. Observar os hábitos e o que procuram para se alimentar. Observar se os espaços da escola proporcionam a presença deles. Propiciar momentos de atenção e uso dos sentidos.

A existência de espaços externos nas unidades escolares com árvores e canteiros de plantas atrativos para os pássaros, onde as crianças possam transitar livremente.

LIMITAÇÕES

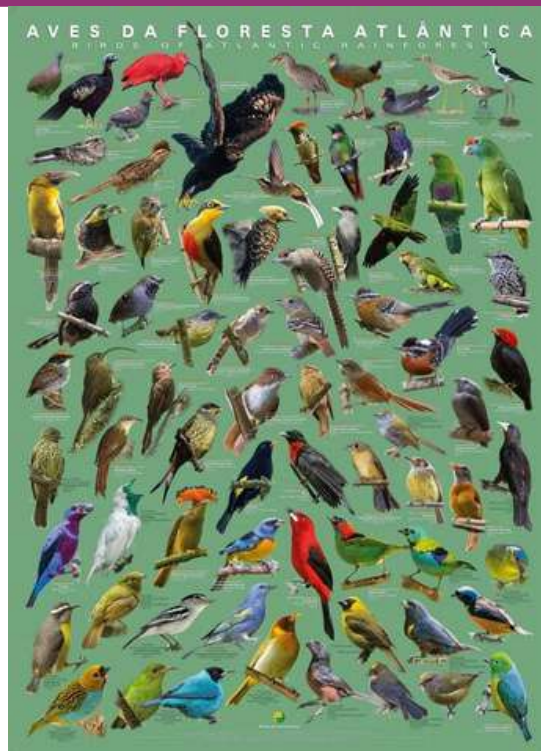
SUGESTÕES



Compartilhe aqui uma prática feita ou que deseja realizar.

Que tal construir uma cidade ficcional boa de se viver para todos os seres vivos? O que as crianças têm a dizer sobre isso? Pode ter maquete, proposta de leis, alternativas de construção como a permacultura etc.

Pode fazer observação de pássaros do território e usar a tecnologia para conhecer as espécies observadas e ainda catalogar horário, dia e local de avistamento.



Fonte: <https://pin.it/1ZF6ieaNi>



3

O Serelepe e
a Gambá

A HISTÓRIA

Lívia de Borja Reis

O Serelepe e a Gambá

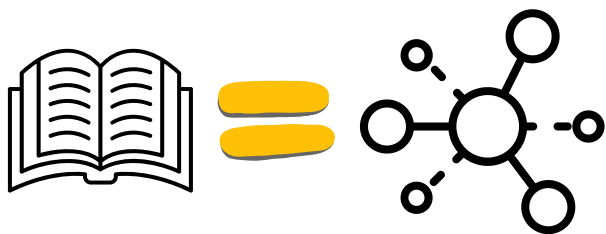
A história na educação infantil proporciona às crianças a compreensão da realidade concreta que ela ainda está no processo de compreender. Portanto, utilizar este recurso é rico já que vai introduzido ao imaginário infantil conceitos e conhecimentos que vão fazendo sentido à medida que vão se apropriando através do faz-de-conta da realidade em que estão inseridas.

A seguir, trazemos a última parte deste trabalho, uma história que nasce com as práticas docentes da horta escolar.

Também sugerimos possibilidades de uso da história em diferentes cenários.

ESPAÇO DE POSSIBILIDADES

Uma história, múltiplas ideias



A história é uma estratégia didático-pedagógica potente na Educação Infantil que contribui para a reflexão sobre os problemas socioambientais.

A história é autoral, de ficção, ilustrada e lúdica, abrangendo as “três dimensões a serem articuladas em uma proposta educativa” (Bissaco, 2016, p. 112), que são, segundo a autora: a cognição (reflexões), afetividade (envolvimento afetivo) e ação (vivência em situações reais).

COGNIÇÃO

Possibilita reflexão sobre a Educação Ambiental Crítica possível na Educação Infantil, valores referentes à Natureza e sensibilização

AFETIVIDADE

Possibilita o envolvimento afetivo a medida que a história traz mudanças do meio ambiente decorrente de escolhas humanas e os impactos do nosso modo de vida

AÇÃO

Possibilita vivências em situações reais uma vez que a história é contextualizada com realidade, podendo ser replicada em outros espaços de Educação Infantil.

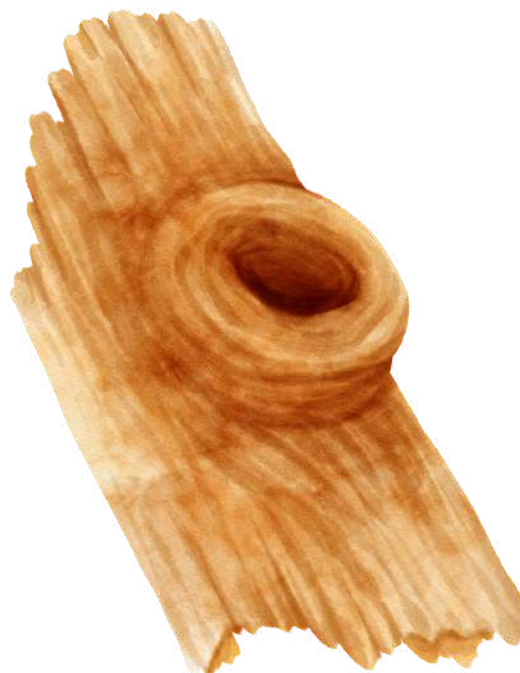


A história pode ser usada em dinâmicas, no processo de sensibilização em formações docentes ou para começar estudos ou em reunião de responsáveis, bem como, diretamente com as crianças, através de contação utilizando prachas ilustrativas, animais de pelúcia ou crochê, fantoche e promover uma encenação.

ERA UMA VEZ...

Um esquilo que um lar, em terras cariocas, queria encontrar.

Não pode ser! Um esquilo?! Daqueles que sempre vemos em filmes do norte das Américas, pelas árvores, felizes, a passear? No Rio de Janeiro? Uma realidade não muito provável de visualizar.



Talvez seja um Serelepe, também chamado de Caxinguelê, pequeno roedor da nossa fauna, que no Brasil podemos nos deparar.



Ele com aquele focinho, aqueles dentinhos e aquele rabinho todo fofinho... quem não gostaria de abrigar?

Contudo, com todo esse cinza, o verde de que tanto gosta está difícil de achar.

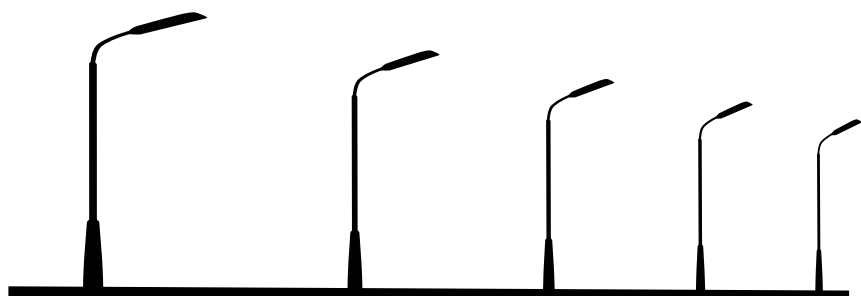


Caminhando, o Serelepe esbarra em uma Gambá, cheia de Gambazinhos em seu dorso a carregar, a quem pergunta: onde posso uma casa aconchegante encontrar? Contou que vivia num amplo espaço verde no outro lado de um enorme corredor de carros que passam muito rápido sempre para em algum lugar chegar.

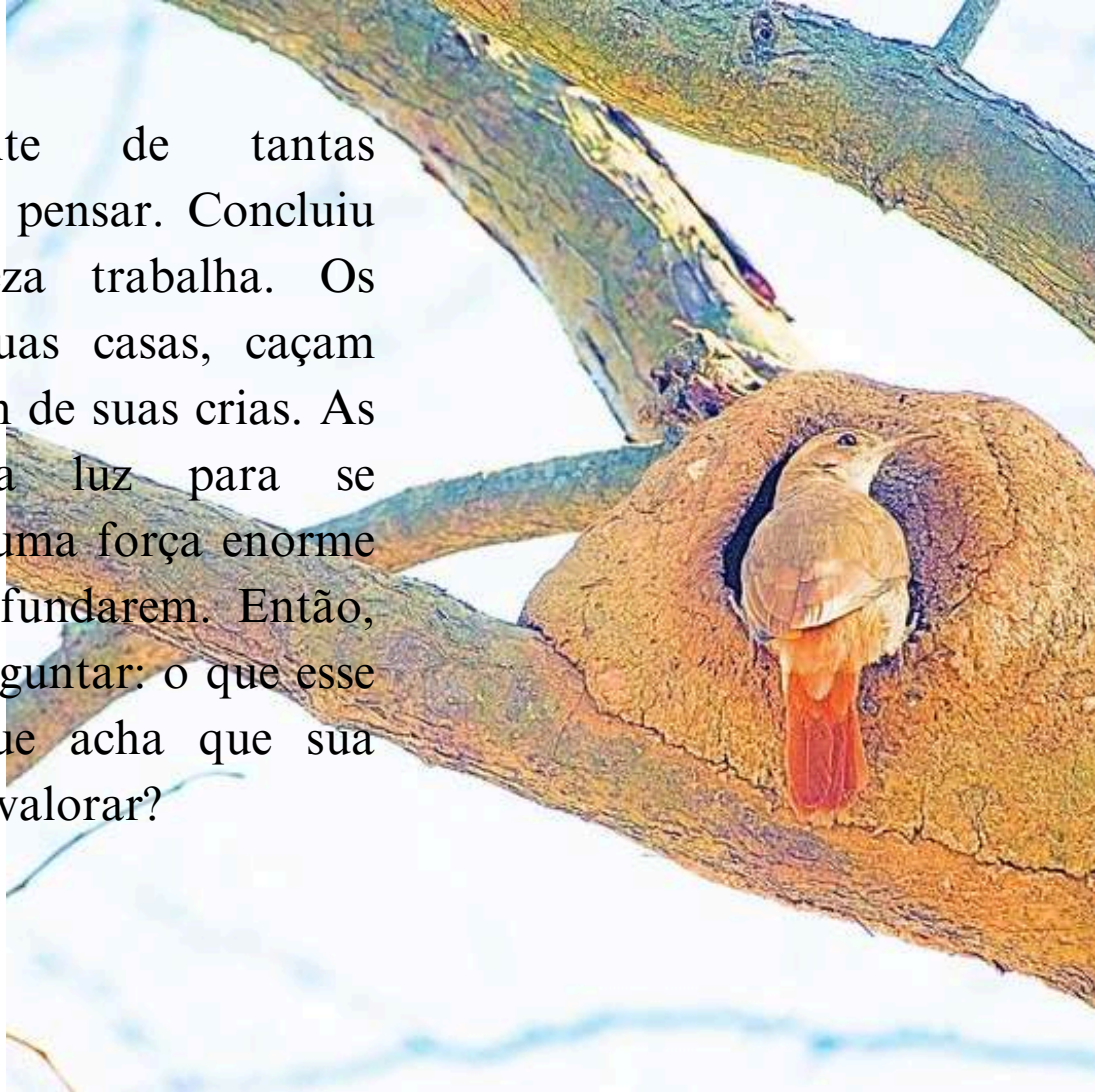
Contudo, começaram as árvores arrancar e mais cinza colocar, parece que um terminal de ônibus para a grande avenida pretendem levantar.



Um pouco desanimada, a pequena marsupial, que prefere ambientes com vasta oferta alimentar e mais tranquilos para seus filhotes poder criar, diz para o Serelepe que os espaços dos animais cada vez mais estão difíceis de conservar. E contar com a bondade de um tipo de mamífero que precisa cobrir sua pele com o que chama de roupa, é a solução que no momento pode lhe apresentar. Mas eles estão sempre ocupados, pois precisam muito trabalhar. E, por conta disso, em muitos valores importantes deixam de pensar.



O Serelepe, diante de tantas informações, pôs-se a pensar. Concluiu que toda a Natureza trabalha. Os animais constroem suas casas, caçam seus alimentos, cuidam de suas crias. As plantas procuram a luz para se alimentarem e fazem uma força enorme para suas raízes aprofundarem. Então, não se conteve em perguntar: o que esse tal mamífero tem que acha que sua existência parece mais valorar?



A Gambá, com sabedoria, o assunto começou a detalhar:

O humano, esse é o nome dele, quis, ao longo da história, grandes coisas conquistar. Dizem que existe algo nele que, de algum modo, parece de nós diferenciar. Costumo acreditar que essa distinção seria para, de toda Natureza, com amor cuidar. Mas essa visão, uma grande parte deles deixou de apreciar.



Já desesperado, o Serelepe começou a gritar: desse Ser, que meu valor se esquece de admirar, dependo para minha casa encontrar?

Com a tranquilidade de quem sabe que a vida pode flores trazer, a Gambá começou a contar que tem seres humanos que ainda pretendem, de maneira espetacular, com a Natureza da qual também fazem parte, se relacionar. Todavia, algumas problemáticas eles precisam a resoluções chegar.



Trabalham demais, pois o dinheiro, com maestria, dominou o seu pensar. Não trabalham somente para comer, para habitar ou, para em bando, entre os seus, a vida compartilhar e amar. Existem fabricações de desejos que só o tal dinheiro pode comprar.



Nem todos têm a mesma quantidade desse dinheiro. Muitos da espécie humana trabalham muito, muito mais do que outros que tem muito mais dinheiro para gastar. Existem relações desiguais entre eles que precisam equilibrar.



Por hora, podemos, em alguns humanos, apoio buscar. Há pessoas que cultivam plantas, hortas, espaços naturais que podemos frequentar.

O Serelepe se acalmou e começou a lembrar: em um caminhão chegou do lado de cá quando tudo em sua casa começou a mudar. Lembrou que teve contato com alguns desses humanos quando vinha de lá. Lembrou também que falavam sobre a tarefa de uma horta numa escola construir para que as crianças pudessem com a Natureza interagir.





O que aqueles seres humanos que vieram apenas uma ordem executar não puderam imaginar é que a horta traria, também, animais, mais vida, para as crianças sobre sua relação com os outros seres vivos e a Natureza poderem pensar.



Isso! É aqui mesmo onde nos encontramos, disse a Gambá com um certo sorriso nos lábios a mostrar. Nesse espaço podemos transitar. Chamam de EDI e tem muitos humaninhos que fazem bastante barulho, mas têm muito amor para compartilhar.

Bom seria que nosso lugar de morar ainda estivesse, intacto, lá. Mas quem sabe essa não é a oportunidade de aprendermos todos juntos que o mundo é grande, é de todos, e só vai dar certo se juntos nos relacionar. Aqui eles têm, no quintal, uma horta e um canteiro, e não se importam de conosco o alimento compartilhar. Os humaninos daqui vão crescer e essa semente, de que é possível no valor da Natureza pensar e no Bem Viver acreditar, imaginamos que vão espalhar.

FIM

ou melhor...

OUTROS COMEÇOS...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos que as páginas acima tenham te enchido de reflexões sobre práticas docentes de Educação Ambiental Crítica na Educação Infantil.

Na verdade, desejamos que você transborde e siga a jornada por uma educação que transforme nossa realidade socioambiental, não deixando nunca de esperar.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Alberto. O Bem-viver. Uma oportunidade para imaginar outros mundos. 14^a ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- BISSACO, Cristiane Magalhães. Educação ambiental e infância: valores construídos no diálogo. In: BONOTTO, Dalva Maria Bianchini, CARVALHO, Maria Bernadete Sarti da Silva, (orgs). Educação Ambiental e valores na escola: buscando espaços, investindo em novos tempos [online]. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016. p. 106-118. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/85fqc/epub/bonotto-9788579837623.epub>.
- FERDINAND, Malcom. Uma ecologia decolonial. Pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- FREYESLEBEN, Alice. A crítica ecológica contra-colonial: Questão ambiental e perspectiva quilombola de Negô Bispo. In: II Simpósio de justiça socioambiental. Curitiba, PR. 2024. Disponível em: <https://ppgd.ufpr.br/wp-content/uploads/2024/04/edital-complementar-ii-simposio-nacional-de-justica-socioambiental-artigos-selecionados-docx.pdf>
- GUDYNAS, Eduardo. Direitos da Natureza. Ética biocêntrica e políticas ambientais. São Paulo: Elefante, 2019.
- GUIMARÃES, Mauro. Educação Ambiental Crítica. In: Identidades da educação ambiental brasileira. Brasília: MMA, p.25-34, 2004.
- GUIMARÃES, Mauro. Educação para além dos muros da escola. In: Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola. Brasília: MEC, 2007.
- GRÜN, Mauro. Ética e educação ambiental. A conexão necessária. 14^a ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- GRÜN, Mauro. Em busca da dimensão ética da educação ambiental. Campinas, SP: Papirus, 2007.
- KRENAK, Ailton. A vida não é útil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.
- KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. 2^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.
- LAYRARGUES, Philippe Pomier; LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. As macro-tendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira. Ambiente & Sociedade. São Paulo, v. XVII, p. 23 – 40, jan-mar, 2014.
- LEFF, Enrique. Ecologia política: da construção do capital à territorialização da vida. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2021. Elefante, 2019.

LIMA, Gustavo F. C. Educação, emancipação e sustentabilidade: em defesa de uma Pedagogia libertadora para a educação ambiental. In: Identidades da educação ambiental brasileira. Brasília: MMA, p.85-112, 2004.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Premissas teóricas para uma educação ambiental transformadora. Ambiente e Educação. Rio Grande, 8: 37 – 54. 2003.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Educação Ambiental Transformadora. In: Identidades da educação ambiental brasileira. Brasília: MMA, p.65-84, 2004.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Grupo Focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. Revista Educação e Políticas em Debate, p. 483 - 492, 01 ago. 2014.

MATOS, Tharcia Priscilla de Paiva Batista; BATISTA, Leidiane Priscilla de Paiva; PAULA, Edson Oliveira de. Notas sobre a história da educação ambiental no Brasil. In: Castro, Paula Almeida de. (org.) de Avaliação: Processos e Políticas Campina Grande: Realize eventos, 2020.

MATOS, Maria Cordeiro de Farias Gouveia. Panorama da educação ambiental brasileira a partir do V Fórum Brasileiro de Educação Ambiental. 2009. 124f. Dissertação (mestrado) – UFRJ/ FE/ Programa de Pós-graduação em Educação, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Declaração de Estocolmo. 1972. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Meio-Ambiente/declaracao-de-estocolmo-sobre-o-ambiente-humano.html>.

SÁNCHEZ, Celso; SALGADO, Stephanie Di Chiara; DE OLIVEIRA, Sônia Terezinha. Aportes da ecologia política para a construção de uma educação ambiental de base comunitária no contexto latino-americano: narrando a experiência de um Curso de Extensão Universitária. Ambiente & Educação: Revista de Educação Ambiental, [S. 1.], v. 25, n. 1, p. 131–161, 2020. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/11158>.

SOLÓN, Pablo. Bem Viver. In: SOLÓN, Pablo. Alternativas sistêmicas. Bem viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização. São Paulo: Elefante, 2019.

TIRIBA, Léa. Crianças da Natureza. Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, 2010.

TIRIBA, Léa. Educação Infantil como direito e alegria. Em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2024.

TIRIBA, Léa; GUIMARÃES, Mauro. Infâncias, cuidado, liberdade, pertencimento: inspirações indígenas para uma pedagogia nativa. REMEA - Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental, v.40, n.2, p.230-249, maio-ago. 2023.

TIRIBA, Léa; PROFICE, Christiana Cabicieri. Crianças da Natureza: vivências, saberes e pertencimento. Educação & Realidade, Porto Alegre, v.44, n.2, 2019.

TIRIBA, Léa; PROFICE, Christiana Cabicieri. Crianças Tupinambá: rios, colinas, bancos de areia e matas como lugares do brincar cotidiano. Revista Teias, v.19, n.52, p.28-47, 2018.

TIRIBA, Léa; VOLLGER, Amanda; PEREIRA, Jéssica Elias. Buscando inspiração entre os povos indígenas brasileiros para educar as crianças em conexão com a Terra. REMEA - Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental, v.38, n.3, p.98-116, set-dez. 2021.